

Uma Escola de Médicos: Benedito Junqueira Duarte e o cinema científico

Uma Escola de Médicos: *Benedito Junqueira Duarte and scientific cinema*

Márcia Regina Barros da Silva

Universidade de São Paulo | USP

RESUMO Benedito Junqueira Duarte é o mais conhecido realizador de documentários científicos no Brasil. Entre diversas atividades, dedicou-se extensamente ao cinema de temática médica. O filme *Uma Escola de Médicos*, realizado pelo documentarista para comemorar os 30 anos de fundação da Escola Paulista de Medicina, em 1963, se apresenta como de informação geral, com características “científicas”. No entanto, é também um filme dito de “cavação”, isto é, comercial e de encomenda, feito para exaltar seus patrocinadores. A partir da análise dessa obra e da trajetória de Duarte, este artigo busca compreender como ele construiu certa experiência visual em torno da atividade científica, especificamente da área médica, combinando elementos da história da medicina, linguagem cinematográfica e valores típicos da elite cultural paulista.

Palavras-chave Cinema científico – Benedito Junqueira Duarte – história da medicina

ABSTRACT *Benedito Junqueira Duarte is the most well-known Brazilian director of science-related documentaries. Among several other activities, he devoted himself extensively to the creation of films with medical themes. The movie Uma Escola de Médicos, made by the documentary filmmaker to commemorate the 30th anniversary of the founding of the Escola Paulista de Medicina in 1963, presents itself as a general informative film with “scientific” characteristics. However, it is also a commercial movie made by commission, with the objective of exalting its sponsors. From an analysis of this work and Duarte’s career, this article seeks to understand how the filmmaker created a certain kind of visual experience of the activity of science, specifically in the medical field, by manipulating elements from the history of medicine, film language, and values typical of the cultural elite of São Paulo.*

Keywords *Scientific cinema – Benedito Junqueira Duarte – history of medicine*

Cena de abertura

O filme *Uma Escola de Médicos*, realizado por Benedito Junqueira Duarte, em dezembro de 1963, em conjunto com seu amigo e colaborador de longa data, o fotógrafo Estanislau Szankovski, foi uma produção encomendada para celebrar os 30 anos da fundação da então Escola Paulista de Medicina (EPM), que ocorrera em 1 de março de 1933.¹

A primeira cena do filme mostra uma tomada aérea do complexo da EPM, centralizada sobre o prédio do hospital-escola, o Hospital São Paulo, e a sede da faculdade e edifício de ambulatórios anexo, localizados no bairro paulistano

de Vila Clementino, formando o eixo das ruas Botucatu e Borges Lagoa. A tentativa de emular o caráter de reportagem, como encontramos tradicionalmente em diversos Cine Jornais Informativos dos anos 1930 a 1940², fica patente no letreiro que abre o filme e que pretende mostrar vinculação com aquele tipo de cinejornal oficial no Estado Novo: “Edição Especial. Uma Escola de Médicos. Reportagem de B. J. Duarte / E. Szankovski” (Figura 1).



Figura 1. Três primeiros frames do filme *Uma Escola de Médicos*.

Nesse momento a locução aponta a ligação da instituição com um projeto de Brasil e com a cidade de São Paulo:

*O Brasil é um país em marcha para sua emancipação. Poderosas forças sociais procuram impelir a nação para o seu destino no concerto internacional. Trabalha-se em todos pontos do território convertendo sua imensidão num laboratório de progresso. São Paulo é uma de suas secções e essa vista da grande cidade, diferente daquelas usualmente mostradas na tela, são o cenário de uma experiência notável, talvez decisiva no ensino superior do país.*³

Com a simulação de um cine jornal e com a narração enunciada, a ligação se faz tanto com os anos 1930, momento de fundação da EPM, quanto com os anos 1960, momento de produção do filme. Os créditos são substituídos pelo título numa transição que se superpõe por sobre a mesma tomada, que segue girando sob o eixo do plano aéreo, tendo como centro da tela as instalações de prédios de assistência, de ensino e de pesquisa, ampliados pelas demais construções do bairro, que toma a cena. Seguem-se então os créditos da produção: “Fotografia B. J. Duarte / José Rodrigues da Silva; som Benedito de Oliveira; locutor Renato Calfat”. A tomada, e todo o filme, tem trilha sonora instrumental de acento épico.

O locutor inicia a narrativa em meio à continuação da tomada aérea, em que a câmara expande a vista com o plano em posição ainda mais alta, abrangendo parte maior da cidade, sempre com o eixo centrado sobre as instalações da EPM. Segue a locução:

*Em 1933 foram trinta médicos que juntaram seu idealismo e esforço para fundar a Escola Paulista de Medicina. Nessas folhas de seu livro atas amarelecidas pelo tempo, surgiram muitas gerações de jovens médicos e juntamente com os nomes de seus mestres, fundadores da Escola, se integraram no patrimônio científico e educacional dos brasileiros e passaram a ser seu turno, professores numerosos institutos ensino médico em todo país. A primitiva escola é hoje uma lembrança destacada pelos edifícios novos que surgem ano após ano, modificando paisagem, transformando o destino de centenas de moços que buscam a universidade, ajudando a nação superar impasse do subdesenvolvimento.*⁴

8

Convergem no filme diferentes temas de interesse: a história da cidade de São Paulo, a história da medicina em São Paulo e a história da ciência no Brasil. O personagem que centraliza o trânsito entre esses diferentes pontos é o cinema documental de Benedito Junqueira Duarte. Duarte foi figura bastante importante na história do cinema brasileiro, que vai sendo aos poucos também descoberto para a história da medicina, e é dele que trataremos neste artigo.

O cinema científico chega a São Paulo

O tema do cinema científico é pouco estudado na literatura internacional e nacional.⁵ Fora do Brasil, a figura do francês Jean Painlevé (1902-1989) concentra parte dessa literatura. Seus filmes sobre biologia marinha polarizam análises que apontam para a característica de transitar entre os temas da natureza, da ciência e do filme educativo.⁶ Seja como um cineasta-pesquisador, que começou a filmar nos anos 1920; seja como um dos fundadores da vulgarização científica, Painlevé é em geral ligado às vanguardas artísticas de sua época, em que se citam Knud Rasmussen, Jean Vigo, Dziga Vertov, Eugene Deslaw, Luiz Buñuel, Joris Ives. Ao lado desses cineastas, Painlevé é considerado “parte do movimento avant-garde do surrealismo, onde predominam a pesquisa plástica, formas abstratas em movimento, a confusão entre subjetividade e objetividade e visões provocativas”.⁷

Autor de cerca de 200 filmes, Painlevé se engajou no esforço de promover o filme científico, chegando a criar o *Institut de Cinématographie Scientifique* em 1930, que existe até hoje em França. Painlevé fazia clara distinção entre filme de pesquisa e filme de popularização de ciência, sendo este último o gênero com o qual mais se identificou.⁸

A tentativa de registro do movimento, nos primórdios da história do cinema, ligando a captura de imagens às tentativas de pesquisas técnico-científicas⁹, trazia à tona aspectos de intersecção entre ciência e cinema.¹⁰ Simultaneamente o cinema teve também seu começo associado a “um universo mais exótico de manifestações paraculturais”.¹¹

Painlevé foi ele também um inventor de equipamentos e técnicas de filmagem, em associação com o papel de realizador.¹² Outro nome deste contexto de aproximação entre ciência e cinema foi o de Jean Comandon, que com a microfotografia participou da confecção de equipamentos e de filmes na área da biologia e supervisionou a primeira aparição do termo “cenas de vulgarização científica” no catálogo da companhia cinematográfica francesa Pathé (ou Pathé Freres).¹³

Todos esses nomes foram referenciais para o documentarista brasileiro Benedito Junqueira Duarte.¹⁴ B.J., como também era conhecido, foi, possivelmente, nosso primeiro documentarista científico na área médica em que encontramos interesses similares, de pesquisa, divulgação e de produção técnica. Na análise que faz da sua própria carreira nas memórias publicadas em 1982, constrói diversas classificações para o seu próprio trabalho, tendo como norte o contexto de produção de filmes de ciência e documentários acima relacionados. No capítulo de abertura do primeiro tomo de suas memórias Duarte faz essas ligações:

... transcorria num período de grande turbulência criativa – a “Avant-Garde” no Cinema, o surrealismo na Literatura, na Pintura e também no Cinema, o aparecimento da rádio-telefonia e das primeiras experiências da Televisão em laboratório por exemplo, num meio essencialmente gerador de artistas, pintores, escritores, cineastas, fotógrafos (Paris) – em cujo contato cresci e se fez minha formação técnica e mental, na fotografia primeiramente, e sob influência desta, no cinema, depois.¹⁵

Nesta mesma introdução Duarte revela a expectativa de que suas “recordações” sirvam para constituir parte da memória do cinema brasileiro, buscando ainda lugar de destaque frente àqueles que iniciaram os estudos cinematográficos no Brasil:

Se servirem estas crônicas de contribuição a estudos e pesquisas, a desenvolvimento de teses universitárias – como já tem ocorrido na obra de discípulos de Paulo Emílio Salles Gomes em seus cursos da Escola de Comunicação da USP, algo de que me vanglorio, por haver com eles colaborado [...]¹⁶

Mas suas influências diretas e mais importantes foram o parente fotógrafo José Ferreira Guimarães, o Tio Guy, e o ateliê Reutlinger, ambos em Paris, quando Duarte ali residiu no período entre 1921 e 1929, entre seus 11 e 19 anos. A fotografia foi determinante para sua fixação nos referenciais técnicos, adquiridos naquela estadia.¹⁷ As reminiscências sobre esse período se fazem especificamente em duas partes do primeiro volume de suas memórias, “Little Castle”¹⁸ e “Chez Reutlinger”,¹⁹ e em algumas outras passagens ligeiras e na onipresença de citações em francês ao longo dos três volumes da obra.

Como aprendiz de “fotografia artística”²⁰ e depois assistente²¹ Duarte relembra que foi:

na Europa [que] me contaminou, de vez, o vírus cinematográfico, nos meus contatos com os cineastas muitas vezes a bater à porta de Mr. Reutlinger... Ali conheceria Jean Renoir, René Clair, Germanei Dulac e mais alguns de seus companheiros de “Avant Garde”. Foi ali que, pela primeira vez, ouvi falar de Marcel L’Herbier e de seu cenógrafo, um certo Alberto Cavalcanti [...].²²

No retorno dessa experiência, já em São Paulo, Duarte ingressou diretamente no fotojornalismo, em 1929²³, junto à redação do *Diário Nacional*, jornal atuante junto ao Partido Democrático, do qual foi redator-chefe o irmão Paulo Duarte. Afrânio Catani, em trabalho inaugural sobre B.J.,²⁴ apontou o desejo ceifado de cursar faculdade de medicina, dadas as condições financeiras precárias da família. Catani também indicou que Duarte ocupava um lugar modesto junto à elite paulista. Foi nesse sentido que as memórias da infância, embalada pela proximidade familiar com médicos conhecidos

na cidade, foi sendo apresentada, dando sinais de uma antiga convivência com membros da elite cultural e profissional do período. Inicialmente com o emprego de “retratista”, mas também pelo convívio com o círculo de amigos do irmão mais velho, Paulo Duarte, entre eles Sérgio Milliet, casado com a irmã de ambos, Lourdes.

Ao optar pelo curso da Faculdade de Direito de São Paulo, concluído em 1939, Duarte também manteria contato com colegas desta mesma elite. Um exemplo foi o médico Antônio Ferreira de Almeida Júnior, professor de Medicina Legal na mesma faculdade desde 1928, alçado a catedrático em 1938.²⁵ Naquela matéria Duarte apresentou como trabalho de fim de curso, em 1939, o texto “Do levantamento foto-cinematográfico do local do Crime”²⁶, que lhe serviu de ponte para a temática médica. Almeida Júnior foi também catedrático da Faculdade de Medicina na mesma cadeira, desde 1940; já havia trabalhado na Secretaria de Educação do Estado em mais de uma ocasião e atuou ainda no Instituto de Higiene, com bolsa da Fundação Rockefeller, entre outras diversas posições.

Duarte, na função de fotógrafo do *Diário Nacional*, foi o primeiro a chegar ao local de um crime ocorrido em 28 de dezembro de 1928, no então Congresso do Estado²⁷, no centro de São Paulo. As fotos do crime não foram publicadas²⁸, possivelmente por serem requisitadas pelo Gabinete de Investigações da polícia como parte do inquérito sobre o assassinato.²⁹

Em suas memórias, nessas e em ocasiões familiares, a medicina vai aparecendo como objeto de culto, sendo que o próprio ato de rememorar também aparece explicitamente como um espaço de projeção da história que Duarte queria contar. Como disse no primeiro volume de suas memórias:

*Parecem-me válidas estas recordações, tanto quanto as dissertações que talvez venham depois, a maioria revivida pelos impulsos dos documentos preservados em meu arquivo. Seria de lamentar se tais registros se perdessem no esquecimento de guardados mortos e deles não se utilizassem as gerações presentes ou vindouras. Se servirem estas crônicas de contribuição a estudos e pesquisas, a desenvolvimento de teses universitárias [...]*³⁰

10

Foi, portanto, quando se auto intitulava “documentarista científico”³¹ que Duarte foi tecendo sua ligação com a medicina. Ao enumerar a importância desses personagens, Duarte indicava a lembrança de outros profissionais como Caetano Petraglia³² e Luciano Gualberto, ou Alípio Correa Netto³³, que servem na primeira parte das suas memórias para remeter à infância e juventude.³⁴ A lembrança daqueles médicos indica o caminho que seria seguido posteriormente na sua própria carreira. A precocidade do interesse pelo cinema aparecia também em rápidas referências, quando diz por exemplo:

*O Cinema, aliás, era outra paixão, eclodida ainda na infância, ao tempo em que um tio porteiro do cinema Pathé, homem modesto e bom me fazia entrar, sem bilhete de ingresso, na sala de exibição [...]*³⁵

Aqui se pode verificar uma das características que aparecem como intrínsecas ao trabalho de Duarte: a imbricação absoluta com a cidade de São Paulo e com a intelectualidade paulistana do começo do século XX. Nesse aspecto tanto a medicina quanto a intelectualidade eclética daquele momento surgem como as mais fortes marcas de toda sua produção tanto escrita quanto fílmica. Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Tácito de Almeida, Rubens Borba de Moraes, Antônio de Alcântara Machado, Herbert V. Levy, entre outros, ele conheceu em 1929 na redação do *Diário Nacional*.

Comentando o livro “Namoros com a medicina”, livro de Mario de Andrade publicado em 1936, Duarte declarava sua admiração pelo autor de Macunaíma. Seu apreço se dava pela declaração de afinidade de ambos com a profissão médica, mas também pela afinidade geracional de ambos com a gestão da cultura em São Paulo. A contratação de Duarte por Mario de Andrade³⁶ para atuar no Departamento de Cultura, foi citada quando da sua referência a Fábio Prado, prefeito de São Paulo de 1934 a 1938³⁷, e íntimo da história social e política da cidade. Foi, contudo, no Departamento de Cultura, sob a direção de Mário de Andrade, na prefeitura de Fábio Prado, que Duarte em 1934

teve essa proximidade ampliada, por seu ingresso como crítico cinematográfico no jornalismo local, por indicação do colega, Ruy Bloem.³⁸

Bloem desde 1933 trabalhando no jornal Folha da Noite, aonde chegou a redator-chefe, à época da sua primeira aproximação com Duarte, exercia também a função de taquígrafo da Assembleia Legislativa de São Paulo, nomeado por isso secretário da nascente Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, assim como Duarte, que foi escriturário na mesma Faculdade.³⁹ Essa mesma relação, com Bloem, facilitou sua atuação como crítico de cinema nos jornais *O Estado de São Paulo*, entre 1946 e 1950 e no grupo Folha entre 1956 e 1965; além da atuação na *Revista Anhembi* de 1950 a 1962.

Outros intelectuais⁴⁰ foram se sucedendo na ambiência paulistana de Duarte, repetida em sua participação na *Revista S. Paulo*, juntamente com o fotógrafo Theodor Preising, e outros, entre os quais Cassiano Ricardo e Menotti del Pichia, especificamente entre os anos 1934 e 1935.

Com esse panorama podemos ter uma ideia geral das áreas às quais Duarte se dedicou antes da sua imersão total no cinema de ciência. A partir do segundo volume de suas memórias, “Caçados de imagens. Crônicas da Memória - II”, podemos acompanhar Duarte mais atento à descrição sobre a prática documental referente especificamente à medicina. Duarte passa a se descrever no mesmo grupo composto por outros documentaristas dedicados ao cinema educativo⁴¹ e ao cinema científico, como Roquete Pinto, Humberto Mauro e Alberto Federmann, este atuante na microfotografia no Instituto Biológico de São Paulo.⁴²

Duarte passou a trabalhar com filmes identificados por ele como “semi-científico”⁴³, indicando nessa categoria os filmes “Orquídeas Brasileiras, o Romance de uma Híbrida” de 1942, que teve assessoria informal do médico Paulo de Almeida Machado, por indicação de seu irmão Paulo Duarte. O mesmo médico solicitaria outro filme importante, “Um metro de cem centímetros”, feito para o Laboratório Johnson & Johnson entre as décadas de 1950 e 1960, que segundo Duarte foi “a chave para que eu penetrasse, cinco anos mais tarde, no meio médico de São Paulo, através de outra empresa farmacêutica – o Laboratório Torres”.⁴⁴ Nessa seara trabalharia também para o Laboratório Carlo Erba do Brasil a partir de 1960, definindo para si o campo do “filme científico no Brasil”, quando “foram os meus filmes rodando pelo mundo dos festivais, colóquios, congressos científicos, escolas de medicina e de enfermagem, hospitais de todo o mundo”.⁴⁵

11

Não serão discutidos aqui os textos de crítica cinematográfica produzidos no mesmo período, além de outros aspectos das suas memórias relacionados a sua vida pessoal, importa indicar na via da ciência o impressionante volume de 500 filmes científicos, em sua maioria todos sobre medicina, como relatado por BJ em diversas oportunidades. No estudo mais extenso realizado sobre ele, Afrânio Catani reuniu o que chamou de “filmografia abreviada”, listando 192 filmes científicos, além de outros 24 filmes educativos e informativos, segundo classificação do próprio Benedito Duarte.⁴⁶

A relação dos filmes e a indicação do médico participante na assessoria científica de cada um desses documentários demonstra um amplo espectro de especialidades, um número diversificado de temas, uma ampla gama de personalidades da elite médica brasileira e o conjunto das principais instituições médicas do período. A realização desses filmes de caráter científico estava inserida especificamente junto à Faculdade de Medicina de São Paulo e do Hospital das Clínicas, assim como de outras instituições médicas que apareciam em menor número, a então Escola Paulista de Medicina, atual UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) e o Instituto Dante Pazanezzi.

Ao proceder à exploração da filmografia listada por Catani pode-se cruzá-la com a listagem da filmografia da Cinemateca Brasileira, resultando nos dados coligidos na Tabela 1. Note-se que o cruzamento resulta em 279 referências ao nome Benedito Junqueira Duarte.

TABELA 1

Médicos	Instituição	Especialidade	Número de Filmes com assessoria de médicos	Número de Filmes com Laboratórios
Alcebiades Sales	S.I.*	S.I.	-	1 - Independente
Alípio Correa Neto	FMUSP e EPM	Clínica Cirúrgica	2	1 - Carlo Erba do Brasil
Aloisio Afonso Ferreira	S. I.	S.I.	-	1 - Independente
Antonio Augusto de Almeida	FMUSP e Unicamp	Clínica Oftalmológica	-	1 - Independente
Antonio Carlos Pacheco e Silva	FMUSP e EPM	Clínica Psiquiátrica	2	1 - Independente
Antonio B. Lefevre	FMUSP	Clínica Neurológica	-	1 - Carlo Erba do Brasil
Antonio Prudente M. de Moraes	FMUSP e EPM	Clínica Cirúrgica Reparadora da Face e Plástica	4	-
Armando Gallo	EPM	Clínica Oftalmológica	3	-
Arrigo Antonio Raia	FMUSP	Clínica Cirúrgica	-	1 - Carlo Erba do Brasil
Carlos de Arruda Botelho	Diretor clínico Santa Casa	Clínica Médica	1	-
Arthur Domingues Pinto	Santa Casa de Santos	Cirurgia geral e torácica	7	-
Bernardo Blay Neto	Hospital Franco da Rocha	Psiquiatria	1	-
Antonio Bernardes de Oliveira	EPM	Gastroenterologia Cirurgica	1	1 - Carlo Erba do Brasil
Benedito Augusto de Freitas Montenegro	Santa Casa de Misericórdia de SP e FMUSP	Clínica Cirúrgica	6	-
Walter Bonfim Pontes	Faculdade de Medicina de Sorocaba	Radiologia	2	-
Célio Fontão Carril	Hospital das Clínicas	Clínica Cirurgica	1	-
Carlos Caldas Cortese	FMUSP	Cirurgia Plástica	7	-
Carlos da Silva Lacaz	FMUSP	Microbiologia e Imunologia	1	-
Ciro de Rezende	FMUSP	Oftalmologia da	6	-
Daher Elias Cutait	FMUSP	Cirurgia	5	1 - Carlo Erba do Brasil
David Rosemberg	EPM	Cirurgia	-	1 - Carlo Erba do Brasil
Edison de Oliveira	S.I.	S.I.	5	-
Edmundo Vasconcelos	FMUSP	Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental (Prêmio Marey III Festival Internacional do Cinema de Curta Metragem, RJ, 1950 e 1º Prêmio Hércules Florence 1952)	22	-
Ernesto Mendes	FMUSP	Alergia e imunopatologia	1	-
Eugenio Luiz Mauro	FMUSP	Anatomia Descritiva e Topográfica	-	1 - Carlo Erba do Brasil
Euricydes J. Zerbine	FMUSP	Cirurgia Geral e Cardíaca e Torácica (1º Prêmio IX Festival Internacional do Filme Científico – Univ. de Roma 1962 e 1º Prêmio Sindicato Nacional dos Médico Italianos, Salerno)	7	2 - Carlo Erba do Brasil
Eurico da Silva Bastos	FMUSP	Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental	3	-
Fábio Doria do Amaral	FMUSP e Santa Casa de Misericórdia SP	Cirurgia Pediátrica	1	-
Fernando Paulino	Santa Casa de Misericórdia de SP	Cirurgia Torácica	-	6 - Independente

Flavio de Sica	Laboratório Carlo Erba	S.I. (1º Prêmio Bucranio d'Argento Universidade de Pádua, 1961)	-	1 - Carlo Erba do Brasil
Flávio Pires de Camargo	FMUSP	Cirurgia Ortopédica	1	1 - Independente
Fuad El Assal	FMUSP	Cirurgia Vascular	1	-
Geraldo Campos Freire	FMUSP	Transplante Renal	-	2 - Carlo Erba do Brasil
Francisco Elias de Godoy Moreira	FMUSP	Cirurgia Ortopédica	1	1 - Independente
Henrique Mélega	EPM	Oncologia	2	-
Horácio Kneese de Melo	EPM	Cardiologia	2	-
Hugo Felipozzi	EPM	Cardiologia (Prêmio Fotografia Governador do Estado , 1957)	1	1 - Laboratório Le Petit
Liberato John Alphonse Di Dio	FMUSP	Anatomia	1	-
José Carlos Soares Bicudo	S.I.	Pediatria	1	-
Jaques Tupinambá	FMUSP	Oftalmologia	1	-
João de Lorenzo	FMUSP	Cirurgia Plástica	3	1 - Carlo Erba do Brasil
John Cook Lane	Unicamp	Cirurgia Vascular	-	1 - Laboratório Farmacêutico Internacional
Jorge Cavalheiro Millmersdorf	FMUSP	Oftalmologia	1	-
Jorge Fairbanks Barbosa	Hospital do Câncer A. C. Camargo	Cirurgia Otorrinolaringologia	-	1 - Carlo Erba do Brasil
José de Arruda Botelho	EPM	Clínica Cirurgica	1	-
Juvenal S. Marques	EPM	Neurocirurgia		1 - Roche
Luiz Carlos Uchoa Junqueira	FMUSP	Biologia Celular	1	1 - Independente
Durval do Livramento Prado	Faculdade de Ciências Médicas de Santos	Oftalmologia	1	-
Luiz Carlos do Canto	S.I.	Odontologia Hospitalar	-	1 - Carlo Erba do Brasil
Luiz V. Decourt	FMUSP	Clínica Médica	1	-
Marcilio Ferraz	Santos	Cirurgia	1	-
Mario Degni	UNICAMP	Cirurgia Vascular	2	1 - Carlo Erba do Brasil
Mario Scolari	Laboratório Carlo Erba Itália	Cirurgia	-	1 - Carlo Erba do Brasil
Mateus Santamaria	FMUSP	Urologia	1	1 - Carlo Erba do Brasil
João Augusto de Matos Pimenta	FMUSP	Neurocirurgia	1	-
Milton Siqueira	Laboratório Torres	Cinematoteca Médico-Brasileira		1 - Diretor Laboratório Torres
Moacyr E. Álvaro	EPM	Oftalmologia	3	-
Navratil	S.I.	S.I.	1	-
Nicolau Moraes de Barros	FMUSP	Ginecologia	1	-
Otávio Martins Toledo	Instituto Emílio Ribas	S.I.	3	-
Paulo de Almeida Machado	Universidade Católica de Campinas	Bioquímica	-	1 - Johnson e Johnson
Paulo Braga Magalhães	FMUSP	Oftalmologia	1	-
Paulo Correa	S.I.	S.I.	2	-
Pedro Ayres Neto	Santa Casa de Misericórdia de S.P.	Ginecologia	1	-
Pedro de Souza Campos	S.I.	S.I.	2	-
Pedro Geretto	EPM	Anestesiologia	-	1 - Laboratório Rodhia do Brasil
Plínio Bove	FMUSP	Gastroenterologia	1	-
Plínio de Matos Barreto	FMUSP	Otorrinolaringologia	3 + 1 com EV	1 - Laboratório Rodhia do Brasil
Raul Carlos Briquet	FMUSP	Clínica Obstétrica	4	-

Rebello Netto	Santa Casa de Misericórdia de S.P.	Cirurgia Plástica	2	-
Reynaldo S. Gonçalves	Outro	Contador	1 e A. Caputo	-
Roberto Farina	FMUSP	Otorrinolaringologia	1	1 - Carlo Erba do Brasil
Romeu Cianciarullo	FMUSP	Clínica Cirúrgica (Prêmio Bucranio d'Argento, VI Rassegna Internazionale del Filme Scientifico-Didatico, 1961).	1	1 - Carlo Erba do Brasil
Rui Faria	Hospital Militar de São Paulo	Hematologia	1	-
Rui Ferreira Santos	Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto	Gastrocirurgia	1	-
Rui Margutti	EPM	Cirurgia Torácica	5	-
Silvio Borges	EPM	Hemodinâmica	1	-
Stefano Porta	Laboratório Carlos Erba			1 - Carlo Erba do Brasil
Virgílio A. de Carvalho Pinto	FMUSP	Cirurgia Pediátrica	1	1 - Carlo Erba do Brasil
Vitor Spina	FMUSP	Cirurgia Plástica	6	-

*Observação: Sem Informação

Fonte: Produzida pela autora com informações de Catani (ver nota 24) e Base de Dados/Filmografia Brasileira no site da Cinemateca Brasileira.

O filme

14

Na classificação que desenha para si, Duarte indica que sua carreira foi sendo constituída no jornalismo e no Diário Nacional, como “meu grupo escolar”; no jornal O Estado de S. Paulo, “a universidade em que completei minha formação nesse mister”; na Folha de São Paulo e na revista Anhembi, quando “fiz pós-graduação”.⁴⁷ Duarte se apresentava como um “documentarista científico”⁴⁸, um “técnico especializado”⁴⁹, capaz também de realizar filmes didáticos e educativos, os quais se subordinavam, na sua classificação, ao cinema documentário.

No momento em que participava do Departamento de Cultura, “nomeado para um cargo técnico em que a fotografia e o cinema poderiam ter grande significado”⁵⁰, passou à realização de filmes publicitários, junto com Estanislau Szankovski.⁵¹ Mas o cinema de Duarte ganhou dele próprio vários nomes: “cinema informativo”⁵²; “filme de tema semi-científico”⁵³; “filme de informação geral”⁵⁴; “filme didático”⁵⁵; “eu realizava cinema didático, educativo, de informação”⁵⁶ ou por fim “realizo cinema científico-didático-informativo”.⁵⁷

O filme *Uma Escola de Médicos* confirma, e ao mesmo tempo contradiz, a classificação que Duarte projeta para explicar o seu trabalho. Confirma na medida em que apresenta todas as características indicadas acima. É um filme de informação geral na medida em que fala de uma instituição no estilo reportagem, mostra a cidade e discute questões sócio-políticas. Tem características “científicas”, tendo em vista a temática do laboratório e a apresentação de técnicas e conteúdos especializados, e por fim é também um filme de cinema educativo, por ser didático e informativo, ou talvez “semi-científico”, já que não é exclusivamente sobre a prática médico-científica, pois traz também imagens de desfile de bandas, de inaugurações, de atividades esportivas.

Mas o filme também contradiz as classificações anteriores, já que todas essas, diríamos fases, estão concentradas, ao mesmo tempo, em um único documentário, é também um filme dito de “cavação”, isto é, comercial e de encomenda, feito para exaltar seus patrocinadores.⁵⁸

O filme pode ser visto em diferentes partes. Uma primeira em que as imagens acompanham as festividades de comemoração de aniversário da Escola, com inaugurações e discursos. Uma segunda em que são apresentadas atividades de aula e pesquisa e a terceira e última, em que se destacam atividades esportivas.

As inaugurações são várias. Primeiro do busto do primeiro diretor, Octávio de Carvalho, com a presença do homenageado. A inauguração do Edifício de Ciências Biomédicas é o segundo evento; na época o edifício foi projetado para abrigar um futuro Instituto de Biologia da Universidade Federal de São Paulo, esta criada em dezembro de 1960, ainda no governo Juscelino Kubitschek, a UFSP, da qual a EPM faria parte com outras faculdades estaduais.

O então diretor Marcos Lindenberg, no cargo entre os anos 1962 e 1964, também um dos fundadores, foi nomeado reitor da nova universidade em 30 de maio de 1962. Tal projeto se veria frustrado pelo golpe de 1964, quando o diretor foi cassado, sendo sumariamente aposentado, e o projeto adiado até suspensão oficial no início dos anos 1970.

Por fim o último bloco de inaugurações, com a filmagem do lançamento da pedra fundamental do que seria naquele momento o Departamento de Educação Cívica e Física para a nova universidade, e que veio a se tornar mais tarde as instalações da Atlética da EPM; seguida da inauguração da Praça de Esportes que levaria o nome do diretor Marcos Lindenberg.

Cenas das instalações da biblioteca, recém-inaugurada, que em 1967 seria transformada na Biblioteca Regional de Medicina – Bireme. Uma última cerimônia foi destacada, e com ela o locutor liga aquela instituição aos impulsos modernizadores sob os quais vivia a universidade brasileira, como diz o historiador Rodrigo Patto Sá Motta: “Às vésperas de 1964, a modernização estava na ordem do dia, mas que rumo deveria tomar? Os debates sobre reformas no Brasil dos anos 1960 eram permeados pela circulação de conceitos das ciências sociais, sobretudo de desenvolvimento e modernização”⁵⁹. A cassação de Lindenberg⁶⁰, aliás, seguiu a lógica da sua participação política e proximidade com os estudantes, “em sua face destrutiva, o Estado autoritário prendeu, demitiu ou aposentou professores considerados ideologicamente suspeitos, assim como afastou líderes docentes acusados de cumplicidade com a ‘subversão estudantil’”⁶¹.

Vê-se esse mesmo quadro no enfoque que o filme apresenta, resumido em suas últimas palavras:

*Aos vencedores os troféus e os aplausos e chegando ao ponto culminante das comemorações inaugura-se o Instituto de Biologia, a partir desse momento a Escola Paulista de Medicina transcende seu destino original da escola medica para se constituir no núcleo da Universidade Federal de São Paulo, no anfiteatro que agora se cobre de altas autoridades que destacam a importância desse momento histórico, e o diretor da escola, agora investido da responsabilidade de reitor reflete os anseios de milhões de brasileiros ao afirmar que essa será uma universidade nova aquela que o povo não sentirá um estranho, mas realidade única, razão mesma da sua resistência. Aquela Escola Paulista de Medicina será a universidade do povo e todos os pontos do país elevará o Brasil ao seu magnifico destino histórico.*⁶²

Esse quadro, assim pintado, foi construído no filme *Uma Escola de Médicos* sobre a bandeira das ciências de laboratório. As demonstrações das atividades realizadas no curso médico se deram a partir do acompanhamento de aulas teórico-práticas de cadeiras estratégicas: farmacologia, com o médico José Ribeiro do Valle; fisiologia, com o médico Paulo Enéas Galvão, e cirurgia experimental, com os médicos José Maria de Freitas e Rodolpho de Freitas. Com essas imagens o filme passava a construir a medicina como uma atividade experimental, realizada sobretudo em laboratórios, tal característica dava identidade tanto ao filme quanto a instituição universitária, a Escola Paulista de Medicina. Essa marca pode ser percebida inclusive por que, apesar do título: *Uma escola de médicos* não há nenhuma imagem de médicos em atendimento, ou mesmo de pacientes, ou internos seja no Hospital São Paulo, seja em qualquer de suas clínicas.⁶³

A ideia da medicina como uma atividade experimental se via reforçada pelo tipo de experimentos apresentados, intervenções em animais (cão, cobaia etc.), pelas instalações laboratoriais, pelas vestimentas e equipamentos, tudo isso compunha quase um terço do filme no tocante à sua duração de 9 minutos (P/B). Essa visão “experimental” da medicina estava em pleno acordo com os discursos que naquele momento de projeto de criação de uma universidade, insistiam na importância da criação de outros cursos de formação profissional, lembrando que naquele momento a EPM possuía apenas o curso de medicina e de enfermagem, e logo, em 1966, seria criado o curso de ciências biológicas – modalidade médica principalmente pelos professores das cadeiras básicas, destacados no filme – farmacologia e bioquímica.⁶⁴

Tal crescimento acompanhava o que o professor Otto Bier apontava no discurso de inauguração do Edifício de Ciências Biomédicas, parcialmente apresentado no filme e publicado na revista *Medicina e Cultura*:

O Brasil está decidido a romper os grilhões que ainda o prendem ao subdesenvolvimento. Nada poderá deter o processo já iniciado de industrialização, ao qual deverá suceder a renovação dos métodos de produção agrícola. ... Novos mercados de trabalho exigirão novos profissionais, além das clássicas profissões liberais a que se restringiam as universidades de ontem. Cumpre também promover a formação de pesquisadores se quisermos encurtar a distância que nos separa dos países tecnologicamente desenvolvidos e assegurar a autonomia da produção, libertando-a do “know how” estrangeiro.⁶⁵

Esse discurso é encoberto pela narração do locutor que complementa o sentido de exaltação da instituição e da sua inclusão nos desígnios de uma nação moderna, progressista.

Considerações finais

A perspectiva deste artigo consistiu em avaliar parte da produção de Benedito Junqueira Duarte tendo em vista a identificação de um projeto de cinema, o de documentarista, a partir de uma forma particular de inserção no mundo cinematográfico, aquela do cinema científico. O objetivo foi apontar para um primeiro entendimento sobre a temática adjacente à produção de Duarte, como, a partir de suas memórias e de seu círculo de amigos e assessores, foram conjugadas questões científicas, médicas, políticas e cinematográficas. Dessa forma, buscou-se compreender como certa experiência visual foi construída em torno da atividade científica, especificamente da área médica, aliando a história da medicina, a linguagem cinematográfica e participação na elite cultural paulista.

A análise recaiu sobre um filme em particular *Uma Escola de Médicos*, que também serviu para apontar a superposição entre as diferentes características de Duarte como cinegrafista, documentarista e diretor, ao lado dos qualificativos “documentarista científico”.

Notas e referências bibliográficas

Márcia Regina Barros da Silva é professora de história das ciências no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: marciabarrossilva@usp.br.

- 1 Sobre a EPM e o ensino médico em São Paulo ver: SILVA, Márcia Regina Barros da. *Estratégias das Ciências: a história da Escola Paulista de Medicina (1933-1956)*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003; SILVA, Márcia Regina Barros da. O ensino médico em debate: São Paulo, 1890-1930. *História, Ciência, Saúde, Manguinhos*, v. 9, (suplemento), 2002, p. 139-59.
- 2 MELO e SOUZA, José Inácio de. Trabalhando com cinejornais: relato de uma experiência. *História: Questões & Debates*, n. 38, p. 43-62, 2003.
- 3 DUARTE, Benedito Junqueira. *Uma Escola de Médicos*. Filme 35 mm, 9', P/B. 1963.
- 4 DUARTE, op. cit., 1963.
- 5 Sobre o ponto de vista da linguagem do cinema e sua intersecção com o conhecimento científicos sobre a fisiologia da visão ver: CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador. Visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. Sobre o cinema e ciência ver LANDECKER, Hannah. Microcinematography and the History of Science and Film. *Isis*, v. 97, 2006, p. 121-132; RIOU, Florence. Le cinéma, ou comment raconter la science au Palais de la découverte en 1937. *Culture & Musées*, n. 18, 2011; HAMERY, Roxanne. Le cinéma scientifique et l'enregistrement des couleurs naturelles: des expériences pionnières à la norme. 1895. *Mille huit cent quatre-vingt-quinze*, n. 71, 2013; No Brasil, ver SILVA, Márcia Regina Barros da. O filme de temática científica: possibilidades de uma documentação histórica. *Cadernos de História da Ciência*, v. 3, p. 13-36, 2007; XAVIER, Priscila de Almeida. *Representação cinematográfica e história institucional: uma análise de filmes sobre o Instituto Butantan (1928-1953)*. Dissertação. Escola de Comunicações e Artes da USP, 2010; MACHADO, Arlindo. O cinema científico. *Significação*, v. 41, n. 42, p. 15-29, 2014; e MACHADO, Hilda. Além da ficção. Cinema de Não-ficção no Brasil. *ALCEU*, v. 8, n. 15, p. 331-339, jul/dez. 2007.
- 6 MACDOUGALL, Marina. Introduction: hybrid roots. In: BELLOWS, A.M.; MCDUGALL, M. (eds.). *Science is fiction*. The films of Jean Painlevé. Cambridge: MIT Press, 2000, p. 14.

- 7 CALCAGNO-TRISTANT, Frédérique. Jean Painlevé et le cinéma animalier, *Communication*, v. 24, n. 1, 2005, p. 118.
- 8 MACDOUGALL, op. cit., 2000, p. 18.
- 9 Penso aqui na busca das imagens em série como forma de retratar a fisiologia do movimento, como passou a ser tratado em fins do século XIX por especialistas como E. J. Muybridge, J. E. Marrey e Julie Janssen. Ver detalhes em TOSI, V. *Cinematography and Scientific Research*. Unesco, 1977. Ver também LABAKI, Amir (org.). *A verdade de cada um*. São Paulo: CosacNaify, 2015 e RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. *Revista de Antropologia*, v. 48, n. 2, julho/dec. 2005, p. 613-648.
- 10 Sobre a noção de objetividade das imagens ver: DELAGE, Christian. *La vérité par l' image. De Nuremberg au procès Milosevic*. Denoel, 2006 e DI CROSTA, Marida. Montrer "l'invisible intérieur du corps": Entre médiation et spectacularisation. *Culture & Musées*, n. 18, 2011, p. 151-173. Nos estudos de ciência, ver LATOUR, Bruno. Drawing things together. In: Lynch, Michael; Woolgar, Steve (Org.). *Representation in scientific practice*. Cambridge: MIT Press, 1990, p. 19-68; KNORR-CETINA, Karin. *Epistemic cultures. How the sciences make knowledge*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- 11 MACHADO, Arlindo. Apresentação. In: O primeiro cinema. Espetáculo, narração, domesticação. Flávia Cesarino Costa. São Paulo: Azougue Editorial, 2005, p. 8.
- 12 HAMERY, Roxanne. Jean Painlevé et la promotion du cinéma scientifique em France dans les années trente. 1895, Mille huit cent quatre-vingt-quinze, n. 47, December, 2005, p. 79-95 e RIOU, Florence. Jean Painlevé: de la science à la fiction scientifique, *Conserveries mémorielles. Reviste Transdisciplinaire* [Online], vol. 6, 2009.
- 13 GAYCKEN, Oliver. 'A Drama Unites Them in a Fight to the Death': some remarks on the flourishing on a cinema of scientific vernacularization in France, 1909-1914. *Historical Journal of Film, Radio and Television*, v. 22, n. 3, 2002, p. 353-374.
- 14 Sobre a noção de documentário ver: BAQUÉ, Dominique. *Pour um novel art politique. De l'art contemporain au documentaire*. Pris, Flammarion, 2006 e DA-RIN, Sílvia. *Espelho partido. Tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004. Ver também RAMOS, Fernão e Miranda, Luiz Felipe. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Ed. Senac, 1997, p. 203-204.
- 15 DUARTE, Benedito Junqueira. *A luz fosca do dia nascente. Crônica da memória*, vol. I. São Paulo, Massao Ohno – Rowistha Kempf Editores, 1982a.
- 16 Idem, p. 12.
- 17 Novos trabalhos têm apontado para a temática da fotografia na produção de Benedito Junqueira Duarte, ver FOSTER, Lila Silva. *Cinema amador brasileiro: história, discursos e práticas (1926-1959)*. Tese doutorado. Programa de Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2016 e TAKAMI, Marina Castilho. *Fotografia em marcha: revista S. Paulo – 1936*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, 2008.
- 18 DUARTE, op. cit., 1982a, p. 38-44.
- 19 Idem, p. 45-58.
- 20 Idem, p. 45.
- 21 Idem, p. 69.
- 22 Idem, p. 54.
- 23 Duarte em várias passagens de suas memórias busca acentuar sua participação em momentos-chaves da história da fotografia e do cinema. Comenta a figura do fotógrafo Jean Manzon, fazendo reparo a fim de "colocar os fatos em seus lugares devidos e reconstruir a verdade cronológica" (Idem, p. 73) sobre a própria precocidade em utilizar câmaras de pequeno formato no fotojornalismo, a despeito do reconhecimento dado a Manzon nessa área.
- 24 CATANI, Afrânio Mendes. *Cogumelos de uma só manhã. B. J. Duarte e o cinema brasileiro. Anhembi: 1950-1962*. Tese de doutoramento. FFLCH- USP (sociologia), 3 vols. 1991.
- 25 ALMEIDA JÚNIOR, A. Memória histórica de 1948. *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, v. 53, p. 187-212, jan., 1958. Ver também: BIGLIOMINI, Hélio. Antonio Ferreira de Almeida Junior In: *Academia de Medicina de São Paulo*. <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/305/BIOGRAFIA-ANTONIO-FERREIRA-DE-ALMEIDAJUNIOR.pdf> e COSTA JÚNIOR, J. B. DE O. E. Professor emérito Antonio Ferreira de Almeida Junior. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, v. 66, p. 7-20, 1971.
- 26 Idem, p. 77.
- 27 Depois da Proclamação da República, a Constituição estadual de 1891 determinava que o Poder Executivo paulista "seria exercido pelo Congresso, composto pelo Senado e Câmara dos Deputados estaduais. O Congresso do Estado de São Paulo foi instalado em 8 de junho de 1891. ...Esse sistema durou até a Revolução de 1930, que propunha mudanças institucionais. Começava a Era Vargas (1930 - 1945) que, em 11 de novembro de 1930, dissolveu também o Congresso Estadual de São Paulo." História da Alesp, acessado em 19/11/2018 em <https://www.al.sp.gov.br/institucional/assembleia/historia-da-alesp/>.
- 28 As duas notícias sobre o crime, publicadas no jornal *Diário Nacional* de 28/12/1928, "Na Câmara dos Deputados", p. 3, e "O Major Molinaro baleado por um desaffectedo", p. 4, não foram ilustradas com as fotos indicadas.
- 29 DUARTE, op. cit., 1982a, p. 70
- 30 Idem, p. 12.
- 31 Idem, p. 14.
- 32 Caetano Affonso Gaspar Petraglia foi um farmacêutico italiano estabelecido na cidade de Franca, cujo filho Antonio Manoel Petraglia foi médico formado na Faculdade de Medicina de São Paulo e diretor da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo in: XAVIER, Andréia Cristina de. Família Petraglia: Um Patrimônio sem Herdeiros, Franca-SP (1870-1957). Trabalho de Conclusão de Curso (História). UNESP, Franca, 1999.
- 33 Luciano Gualberto foi médico formado na mesma faculdade, catedrático de clínica urológica, reitor da Universidade de São Paulo de 1950 a 1951. Alípio Correa Netto também formado na Faculdade de Medicina, foi professor de clínica cirúrgica, na Faculdade e na EPM, e reitor da USP de 1955 a 1957. SILVA, Márcia Regina Barros da. *Estratégias das Ciências: a história da Escola Paulista de Medicina (1933-1956)*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

- 34 Esses médicos marcaram as primeiras etapas das lembranças sobre a infância citados no primeiro volume de suas *Crônicas e Contos da Memória*, “À luz fosca do dia nascente” (DUARTE, 1982a, op. cit.). Os demais volumes das memórias de Duarte são: DUARTE, Benedito Junqueira. *Nas trilhas do cinema brasileiro. Caçadores de imagens. Crônica da memória*, vol. II; São Paulo: Massao Ohno – Rowistha Kempf Editores, 1982b e DUARTE, Benedito Junqueira. *Lâmpada cialítica: namoros com a medicina – Crônica da memória*, vol. III. São Paulo: Massao Ohno – Rowistha Kempf Editores, 1982c. Ambos volumes apresentam um sem-número de médicos de várias áreas, especialidades e instituições, trazidos à memória em diferentes momentos e situações.
- 35 DUARTE, op. cit., 1982a, p. 66.
- 36 Ver ABDANUR, Elisabeth. Parques Infantis de Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 36, p. 263-270, 1994.
- 37 A questão da intelectualidade paulista também foi discutida em SILVA, Carolina da Costa e. *Benedito J. Duarte e o Departamento de Cultura de São Paulo: construindo imagens de uma paulicéia cultural (1935-38)*. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. UFU, 2006; ver também da mesma autora: SILVA, Carolina da Costa e. *O álbum “Parques Infantis” como objeto cultural (São Paulo, 1937)*. Faculdade de Educação, 2008 e RAFFAINI, Patrícia Tavares. *Esculpindo a Cultura na forma Brasil. O Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938)*. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP, 2001.
- 38 Para acompanhar uma parte de sua produção crítica ver MACEDO, Luiz Antonio Souza Lima de (org.). *Críticas de B. J. Duarte. Paixão, polêmica e generosidade*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- 39 Suplemento - Poder Executivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP) de 24 de novembro de 1962, página 2: “Ata dos trabalhos: voto de profundo pesar pelo falecimento, hoje em São José dos Campos, do jornalista e antigo taquígrafo parlamentar, sr. Ruy Bloem”.
- 40 Sobre o tema ver BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001 e PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- 41 Sobre o cinema educativo no Brasil ver: OLIVEIRA, Carmen Irene C. de. Representações imagéticas do fazer científico no contexto do Instituto Nacional do Cinema Educativo. *Caderno CEDES* [online]. 2014, v. 34, n. 92, p. 35-50; MORETTIN, Eduardo V. Cinema educativo: uma abordagem histórica. *Comunicação & Educação*, v. 2, n. 4, 1995 e MORETTIN, Eduardo V. *Humberto Mauro, Cinema, História*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.
- 42 DUARTE, op. cit., 1982b, p. 85.
- 43 Idem, p. 209.
- 44 Idem, p. 210.
- 45 Idem, p. 210.
- 46 Consulta a Base de Dados/Filmografia Brasileira no site da Cinemateca Brasileira resulta em 279 referências ao nome Benedito Junqueira Duarte. Consulta em 15 de abril de 2019.
- 47 DUARTE, op. cit., 1982, p. 80-81.
- 48 DUARTE, op. cit., 1982a, p. 15.
- 49 DAURTE, op. cit., 1982, p. 85.
- 50 DUARTE, op. cit., 1982c, p. 104.
- 51 DUARTE, op. cit., 1982c, p. 105.
- 52 DUARTE, op. cit., 1982c, p. 208.
- 53 DUARTE, op. cit., 1982c, p. 209.
- 54 DUARTE, op. cit., 1982c, p. 211.
- 55 DUARTE, op. cit., 1982c, p. 213.
- 56 DUARTE, op. cit., 1982c, p. 215.
- 57 DUARTE, op. cit., 1982c, p. 217.
- 58 SANTOS, Márcia Juliana. Cavar, criticar e documentar: aspectos múltiplos da produção fílmica em São Paulo nos anos de 1920 a 1940. *História* (São Paulo), v. 34, n. 2, p. 364-382, jul/dez. 2015. Ver também MORETTIN, Eduardo V. Dimensões históricas do documentário brasileiro no período silencioso. *Rev. Bras. de História*. SP, v. 25, n. 49, 2005, p. 125-152.
- 59 MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 9.
- 60 Ver o Relatório da Comissão da Verdade Marcos Lindenberg. Presidente Deputado Adriano Diogo – PT. Unifesp, 05/12/2013. Relatório - Tomo III - Audiências Públicas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo - Unifesp – SP. http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-iii/downloads/III_Tomo_Unifesp-PDF-Audiencias-Comissao-da-Verdade-SP.pdf
- 61 MOTTA, op. cit., 2014, p. 7-8.
- 62 DUARTE, op. cit., 1963.
- 63 Sobre a questão das imagens do corpo humano ver por exemplo MONTEIRO, Marko. Teatro anatômico digital: práticas de representação do corpo na ciência. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.3, jul/set. 2011, p. 641-660 e VIGNAUX, Valérie. Femmes et enfants ou Le corps de la nation. L'éducation à l'hygiène dans le fonds de la Cinémathèque de la Ville de Paris. *Revue 1895*, n. 37, juillet 2002.
- 64 Em 1974 seria criado o curso de Fonoaudiologia e em 1976 o de Ortopática.
- 65 BIER, Oto. Discurso. *Medicina e Cultura*, vol. XX, janeiro a dezembro, 1963, p. 12.

[Artigo recebido em Abril de 2019. Aceito para publicação em Junho de 2019]